

# Guerra dos números no Colégio

DAVID FLEICHER  
Professor da UNB

**E**mbora tenham sido travadas outras batalhas em frentes diversas nesta temporada da sucessão presidencial, a principal guerra da contra-informação para fazer as cabeças da população, mas principalmente as dos 686 "colegiais" de janeiro próximo, é a guerra dos números. Ou seja, tanto o PDS como a Aliança Democrática lançam as suas previsões eufóricas à opinião pública. Na semana passada, o quarte-general do PDS previa uma vitória com uma margem de 76 votos, enquanto um deputado da Frente Liberal, numa audiência com o presidente Figueiredo, mostrou cifras prevendo uma margem de 136 votos para a Aliança Democrática.

Nesta breve análise, vamos examinar quais são as premissas e metas necessárias a serem alcançadas por cada lado, aplicadas em três tempos: hipóteses melhores, piores e medianas.

## PDS

Na **melhor hipótese** para o PDS vencer com uma margem de 76 votos, temos duas versões: (1) a recusa de 8 deputados do PT e 32 do Grupo Pró-Diretas de participar do Colégio Eleitoral reduziria o total de votos a 646, e daria uma margem de vitória de 361 contra 285 para o PDS; e (2) se o PT e "Só-Diretas" fossem ao Colégio Eleitoral, o PDS teria que tirar 20 votos das oposições para alcançar um resultado de 381 contra 305. Estas duas versões presumem o fim

da dissidência liberal no PDS, que marcharia unido ao Colégio Eleitoral.

Na **hipótese mediana**, as premissas mudam, e o PDS vence por uma margem menor de 30 votos. Além do PT e Só-Diretas irem ao Colégio, a Frente Liberal tirará 50 votos do PDS. Assim, para ainda alcançar um resultado de 358 contra 328 votos, o PDS teria que tirar 47 votos das oposições.

Na **pior hipótese**, mas ainda vencedora por 20 votos no Colégio, o PDS enfrentaria as seguintes condições negativas: (1) o PT e Só-Diretas participando do Colégio; e (2) a Frente Liberal levando 100 votos para a Aliança Democrática. Neste caso, para exprimir uma apertada vitória de 344 contra 342, o PDS teria que tirar 83 votos das oposições.

## ALIANÇA DEMOCRÁTICA

Na **melhor hipótese** (que prevê uma vitória por 136 votos), a Aliança Democrática teria suas condições favoráveis maximizadas: (1) o PT e Só-Diretas participando no Colégio Eleitoral; e (2) as oposições totalmente unidas (o PDS não tira nenhum voto). Para alcançar a margem de vitória de 136 votos (411 contra 275), a Frente Liberal ainda teria que levar 86 votos do PDS.

Na **hipótese mediana**, o PT e Só-Diretas continuam solidários com a Aliança Democrática, mas o PDS consegue tirar 40 votos oposicionistas. Para vencer por uma reduzida margem de 70 votos, a Frente Liberal teria

que contribuir com 93 votos para a Aliança ganhar por 378 contra 308 no Colégio.

Na **pior hipótese**, ainda vencedora por uma margem de 2 votos, a Aliança Democrática enfrentaria as seguintes condições desfavoráveis: (1) o Colégio Eleitoral reduzido a 646 com a ausência dos 8 votos do PT e 32 do Grupo Só-Diretas; e (2) o PDS consegue tirar 83 votos (desempenho máximo da sua pior hipótese vencedora) das oposições. Assim, para alcançar uma apertada vitória de 326 contra 324, a Frente Liberal teria que levar 124 votos do PDS para as hostes da Aliança Democrática.

## AValiação

Provavelmente, nem o PDS nem a Aliança Democrática venceriam o Colégio Eleitoral nas suas melhores ou piores hipóteses, pois a dissidência Liberal tem se demonstrado muito firme em seus propósitos, o PT e Só-Diretas tendem a cerrar fileiras rumo ao Colégio Eleitoral e o PDS certamente vai conseguir tirar alguns votos do PTB, PDT e o PMDB. O resultado de uma hipótese mediana vai depender, então, das contas de duas forças em sentido contrário: (1) Quantos votos a Frente Liberal poderá contribuir à Aliança Democrática?; e (2) Quantos votos oposicionistas o PDS poderá aliciar dos três partidos oposicionistas?

Quer dizer, vai haver "desertores e traidores" de ambos os lados, e

quem conseguir somar mais destes preciosos elementos na política vai levar a melhor no Colégio Eleitoral. Qualquer que seja a coligação vencedora, o novo presidente enfrentará problemas em 1985 para acomodar estes elementos na composição do seu novo governo.

Seria ótimo para a campanha sucessória se apenas houvessem estas turbulências numéricas para atrapalhar os "céus de brigadeiro"; mas, como observou o candidato da Aliança Democrática, seus radares detectam turbulências maiores no horizonte.

Tem casca de banana por todo lado: Diretas Já (em novembro ou janeiro), parlamentarismo, mudanças na lei das ilegalidades (encurtando o prazo de desincompatibilização para dois ou três meses), abolindo a fidelidade partidária de vez, "crises" militares mil (em evolução e a serem fabricadas ainda), uma ação judicial de calúnia (onde a vítima pode até virar réu) — ou seja, o jogo não terminou e tem várias rodadas e lances pela frente. Pode ser até que nenhum dos dois candidatos atuais chegue a receber a faixa presidencial em março próximo.

A julgar pela análise dos números do Colégio Eleitoral, fica patente que a tarefa do PDS é bem difícil (perder até 100 votos e ainda arrancar outros 83 das oposições), como a da Aliança Democrática também não é fácil (conciliar facções antagônicas e evitar "erosões").